



DO CESULON À UniFil

* *Agnaldo Kupper*

RESUMO

O Centro Universitário Filadélfia (UniFil) surge em 2001 como extensão de todo um projeto sócio-educacional iniciado a partir da estruturação do Instituto Filadélfia de Londrina na década de 1940.

Desde 1972, a partir da autorização para funcionamento do Centro de Estudos Superiores de Londrina (CESULON), o ensino superior do Instituto Filadélfia de Londrina concretiza-se, completando, neste 2003, trinta e um anos.

PALAVRAS-CHAVE: UniFil; Ensino; Estruturação; Cesulon.

ABSTRACT

Philadelphia University Center was founded in 2001 as a result of a complex social educational project, which started with the foundation of the Philadelphia Institute of Londrina in the 1940s.

In 1972, with the authorization granted for the operation of the Londrina Center of Higher Education, the undergraduate level of the Philadelphia Institute of Londrina got started, coming to its thirtieth-one anniversary this year (2003).

KEY-WORDS: UniFil; Teaching; Structuralization; Cesulon.

*Docente em vários cursos da UniFil.

Docente no Ensino Médio.

Doutorando na área de História e Sociedade.

Escritor.

E-mail: ateneucpv.com.br



O CENÁRIO DE UM SURGIMENTO

Em 1972, durante o governo de Emílio Garrastazu Médici (iniciado em 1969), o regime da ditadura militar imposto ao Brasil atingia o auge da violação dos direitos civis e humanos: censura, prisões, cassações, exílio, assassinatos, torturas. Paralelamente, impunha-se ao país um modelo econômico industrializante, apoiado no capital estrangeiro e na participação ativa do Estado como agente econômico. O Produto Interno Bruto brasileiro crescia em média 10% ao ano: era o chamado “milagre brasileiro”. Na esteira deste falso milagre, nasceram a EMBRAER, a EMBRAFILME, o sistema DDD, *slogans* e atitudes ufanistas.

O Brasil pensava crescer ao construir a Transamazônica, o Perimetral, a Cuiabá-Santarém.

A educação brasileira neste “Brasil Grande” apregoado pelos militares assistia à queda da taxa de analfabetismo e a população em idade pré-escolar, desassistida na década de 1960, via crescer as matrículas na pré-escola, as quais mais que quintuplicaram até 1972. Também entre 1960 e 1972, duplicou-se o corpo docente do antigo primeiro grau (atual ensino fundamental) e triplicou-se o número de professores no segundo grau (atual ensino médio) e nas universidades.

Na função de formar pesquisadores de alto nível, no biênio 1970-1971, 2.683 alunos concluíram o mestrado e apenas 87 terminaram o doutorado no país. Estes números aumentaram significativamente a partir de 1972.

Em 1960, para cada mil alunos matriculados no então 1º grau, 4,7 concluíam o curso superior; em 1972, esse número já ultrapassava a 20.

Entretanto, a estrutura educacional no Regime Militar atendia às necessidades de um determinado tipo de industrialização e desenvolvimento, atrelado ao capital estrangeiro, excluindo dos seus benefícios parcelas significativas da população, refletindo as contradições do modelo de desenvolvimento implantado.

Em 1970 foi criado o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), ostentado como um dos orgulhos da Ditadura. Pretendia erradicar o analfabetismo adulto do país, mas contrariou estas expectativas. Viu, nos anos que se seguiram, aumentar o número de analfabetos, já que o processo de alfabetização acompanhou, em linhas gerais, a concentração do desenvolvimento industrial.

O movimento dos excedentes (aprovados nos vestibulares que não tinham vagas nas universidades) teve grande força nos anos 60 do século passado. Já no início da década de 1970, o regime militar achou ter a solução: ampliar as vagas, apoiado na criação de cursos superiores particulares. Para que se tenha idéia do



afirmado, em 1960, do total de universitários, 44,3% estudavam em escolas particulares; em 1972, esta porcentagem já chegava a 55%.

É neste cenário brasileiro que surgiu o CESULON (Centro de Estudos Superiores de Londrina), há muito imaginado pelo professor Zaqueu de Melo (1914-1979), não como um sonho que viria ao encontro do regime ditatorial, já que na década de 1950 tal perspectiva era idealizada. Mas, se o cenário nacional passava a ter ênfase no ensino superior particular, esta era a hora!

SONHO ANTIGO

Em 28 de novembro de 1950, o Instituto Filadélfia de Londrina já modificava o seu estatuto, passando a Letra B a ter a seguinte redação: “Organizar oportunamente os seguintes cursos: primário, admissão, comercial, ginásial e cursos superiores, de acordo com as leis vigentes no país”. Pretendia-se, inicialmente, estruturar a Faculdade de Filosofia.

Eleito e reeleito deputado estadual a partir de 1945, o professor Zaqueu de Melo afastara-se da direção do IFL. Em 1956, na condição de parlamentar do Estado do Paraná, apresentou projeto à Assembléia Legislativa. Na véspera da aprovação, tal projeto foi modificado: não seria uma faculdade particular privada vinculada ao Instituto Filadélfia, e, sim, de ensino público; nascia a Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina.

Após abandonar, com renúncia, a condição de deputado, o professor Zaqueu voltou ao comando do IFL.

A expansão rápida do Instituto Filadélfia, mesmo com críticas à atuação do professor Zaqueu, fez com que seus diretores resolvessem pela transferência da base física do Instituto para a Rua Antonina (atual Avenida Juscelino Kubitschek), a partir da década de 1960. Tal transferência fez com que o IFL, no mesmo ano de 1972, vendesse os imóveis da Rua Santos.

A demolição dos prédios da Rua Santos teria sido adiantada devido aos rumores de que a transação com J. Alves Veríssimo poderia ser embargada; afinal o terreno teria sido vendido a preço simbólico aos fundadores do antigo Ginásio Londrinense em 1939, com a prerrogativa de servir exclusivamente a um projeto educacional, mesmo o dinheiro obtido com a venda sendo reinvestido com a mesma finalidade. Antes mesmo que os edifícios da Rua Santos fossem derrubados, outro prédio (orçado em um milhão de cruzeiros) estava sendo erguido na Rua Antonina ou, como queriam, Avenida JK. Na localidade já funcionava o Teatro Filadélfia, inaugurado em 1965. O Colégio Londrinense também funcionava ao lado do teatro, tendo sido cedido por comodato de quatro anos (ao



que consta gratuitamente) para a Universidade Estadual de Londrina instalar os cursos de Ciências Econômicas e Administração de Empresas.

Mas para que serviria então a compra de mais um terreno ao lado do Colégio e do Teatro? Para que fosse erguido o complemento de todo o projeto educacional imaginado: o ensino superior.

Em 1972, o IFL mantinha os cursos Ginásial, Colegial de Química, Colegial de Contabilidade, Colegial de Secretariado e Colegial de Magistério. Nesse mesmo 1972, surgia o CESULON, conforme Decreto Presidencial de nº 70.939, de 04 de agosto, do presidente militar Médici, com matrícula inicial de 534 alunos.

DECRETO DE AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO

DIÁRIO OFICIAL – SEÇÃO I – PARTE I – ANO CX
Nº 149 – SEGUNDA-FEIRA, 07 DE AGOSTO DE 1972 PÁG. 6994

DECRETO Nº 70.939 – DE 04 DE AGOSTO DE 1972

- Autoriza o funcionamento do CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE LONDRINA-PR.

O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere o Artigo 81, Item III, da Constituição, de acordo com o Artigo 47 da Lei nº 5.540, de 28 de Novembro de 1.968, alterada pelo Decreto-Lei nº 842, de 09 de Setembro de 1969, e tendo em vista o que consta no Processo 333-72 CFE, do Ministério da Educação e Cultura, decreta:

Art. 1º - Fica autorizado o funcionamento do Centro de Estudos Superiores de Londrina, com os Cursos de Pedagogia, Psicologia, Ciências Sociais e Matemática, mantido pelo Instituto Filadélfia de Londrina, com sede na cidade de Londrina, Estado do Paraná.

Art. 2º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 04 de agosto de 1.972; 151º da Independência e 84º da República.

Emílio G. Médici

(CONFÚNCIO PAMPLONA)



Ainda em 1972, o Instituto Filadélfia passaria a ter os seus primeiros cursos superiores, com o Centro Universitário de Londrina (CEULON), depois transformado em Centro de Estudos Superiores de Londrina (CESULON), dirigido até 1986 pelo professor Antônio de Godoy Sobrinho. Psicologia, Pedagogia, Matemática (posteriormente convertido em Ciências de Primeiro Grau, Habilitação em Matemática) e Ciências Sociais foram os cursos autorizados para funcionamento inicial.

Dentro das propostas do CESULON, quando definitivamente criado e autorizado a funcionar, estavam: “Formar profissionais e educadores, atender a todos os níveis de educação, realizar pesquisas nos vários domínios que constituam seu objeto de ensino, além de colaborar com outras entidades públicas e privadas para o estudo dos problemas relacionados com o desenvolvimento econômico, social e cultural do país”.

No primeiro concurso vestibular do Centro de Estudos Superiores de Londrina, inscreveram-se 738 candidatos, para um total de 450 vagas ofertadas. Concretizado tal concurso, 441 alunos foram matriculados.

DO CESULON À UniFil

Aos primeiros quatro cursos oferecidos, juntaram-se, com o tempo, Enfermagem, Arquitetura e Urbanismo, Tecnologia em Processamento de Dados, Nutrição, Ciências Contábeis, Administração e Licenciatura Biológicas.

Devido à expansão da oferta de ensino superior em Londrina e região, e dispondo de condições didático-pedagógicas, foram encaminhados para o Ministério da Educação, para aprovação, projetos para a implantação dos cursos de Direito, Tecnologia e Sistemas de Informação.

Em março de 1990, foi enviada solicitação ao Ministério da Educação para a transformação do CESULON em Universidade.

Em abril de 2001, através do Decreto de 24/04/2001, D.O.U. de 25/04/2001, foi credenciado o Centro Universitário Filadélfia – UniFil, por transformação do Centro de Estudos Superiores – CESULON, pelo prazo de 3 (três) anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez como a única esperança de ascensão vertical social, investe-se mais em educação. Proliferam-se, neste início de século, as faculdades particulares, tomando o espaço do ensino superior público.



O analfabetismo, a quantidade ainda exagerada de crianças fora da escola, a seletividade (onde, de cada cem alunos que ingressam no ensino fundamental, cerca de cinco deles chegam ao ensino superior), a estrutura dos prédios escolares públicos, o salário defasado dos professores, a desigualdade com os gastos em educação, ainda são problemas crônicos no Brasil.

Mas os números da educação brasileira do Censo-2000 podem ser vistos ao mesmo tempo como otimistas e pessimistas. Depende do ângulo que se queira enfocar.

Os pessimistas podem ressaltar que a tese de escolarização de crianças entre 0 e 3 anos é de 11,6%. Podem afirmar que cerca de um terço da população (31,4%) com mais de dez anos de idade pode ser considerada analfabeta funcional. Podem apregoar que 59,9% da população brasileira com mais de dez anos não conseguiram concluir o ensino fundamental I.

Os otimistas, porém, podem comparar estes números com os de 1991. Nesta comparação, a taxa de escolarização cresceu em todas as faixas etárias: na faixa dos cinco e seis anos, pulou de 37,2% em 1991 para 71,9% em 2000; entre os de idade entre 7 e 14 anos, o país atingiu 94,9% das crianças na escola (79,5% em 1991); o número dos que faziam cursos de alfabetização de adultos saltou de 79 mil em 1991 para 536 mil em 2000; o ensino médio cresceu 209%, com a inclusão de 4,7 milhões de jovens.

No topo, também houve crescimento: em 1991, cerca de 52 mil faziam mestrado ou doutorado, em um incremento de 319%.

No ensino superior, a seletividade era maior em 1991: apenas 3,6% formavam-se no ensino superior; em 2000, o percentual passou para 4,1% da população.

De qualquer forma, a presença do poder público é muito tímida no ensino superior (29,1% dos estudantes).

Claro que o censo trata o Brasil como um todo. Caso queiramos particularizar os dados, basta que citemos que no Piauí, no Maranhão e na Paraíba, mais da metade da população com mais de dez anos tem menos de três anos de estudo.

Neste cenário de otimismo e pessimismo, o Centro Universitário Filadélfia edifica-se como mais um braço do Instituto Filadélfia, que está há 57 anos atuando com visão social e educacional. Cresce em bases concretas e vivas nestes seus 31 anos de ensino superior.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KUPPER, A.; CHENSO, P.A. **História crítica do Brasil**. São Paulo: FTD, 1998.

Jornal do Cesulon – edições diversas.

Jornal Folha de Londrina – edições diversas.

Jornal de Londrina – edições diversas.

ZORTEA, A. J. **Londrina através dos tempos e crônicas da vida**. São Paulo: Juriscredi, 1975.